

**HARVEY, DAVID ET AL. *OCCUPY.***  
***MOVIMENTOS DE PROTESTO QUE TOMARAM***  
***AS RUAS. SÃO PAULO: BOITEMPO,***  
***CARTA MAIOR, 2012.***

**MARCELLE S. VAZ<sup>1</sup>**

O livro é uma coletânea de breves artigos de autoria de pensadores sociais brasileiros e estrangeiros sobre o tema inquietante da eclosão dos movimentos populares de protesto no ano de 2011 que se estenderam ao redor do mundo (do norte da África passando pela Tunísia, Líbia, Iêmen e Egito, da Europa pela Espanha e Grécia até os Estados Unidos e Brasil, dentre outros países) e que alcançaram uma dimensão global.

No intuito de torná-la mais acessível, os autores cederam seus textos gratuitamente, tradutores não cobraram pela versão dos textos em português, ilustradores e fotógrafos se abstiveram do pagamento pelos direitos de suas imagens. Inclusive, houve o aproveitamento de papel e do projeto gráfico para reduzir os custos e para fazer com que fosse possível atingir um maior número de pessoas ao ser comercializada por R\$ 10,00 (dez reais) a versão física e a versão digital por R\$ 5,00 (cinco reais). Como a própria editora estabelece em nota: “Inão haverá lucros financeiros para os editores, nem para os autores, nem para nenhum dos envolvidos neste projeto. Mas haverá ganhos sociais, espera-se – e, neste caso, eles bastam.”

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Ciências Sociais pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados sobre as Américas do Centro de Pesquisa e Pós-Graduação sobre as Américas/CEPPAC da Universidade de Brasília. E-mail: marcellevaz@gmail.com

O texto de apresentação *Rebeliões e ocupações de 2011*, de Henrique Soares Carneiro, professor de História Moderna da USP, situa o debate trazendo um panorama geral do ano de 2011 e o surgimento simultâneo e contagioso destes movimentos sociais de protesto com reivindicações peculiares em cada região, mas que compartilham formas muito semelhantes de luta e consciência de solidariedade mútua. O pano de fundo é a crise econômica, social e financeira que se alastra desde 2008 e que tem como consequências os seguintes aspectos: carestia de alimentos; aumento do desemprego; e, ausência de alternativas políticas organizadas.

Slavoj Žižek, filósofo e psicanalista, em seu texto que é uma versão ampliada e traduzida do seu discurso original *The Violent Silence of a New Beginning* proferido no Zuccotti Park, em 10 de outubro de 2011, discute os rumos das manifestações após a ocupação de *Wall Street*. De acordo com ele, a chave para a liberdade está numa rede “apolítica” de relações sociais, cuja mudança é necessária para atingir uma melhoria efetiva. Para o autor, o caminho não é a reforma política, mas uma profunda transformação nas relações sociais “apolíticas” de produção. O filósofo reflete sobre as mudanças radicais que devem ser realizadas fora do amálgama dos direitos legais, dos procedimentos democráticos, uma vez que os mecanismos democráticos são parte de um aparato que assegura o funcionamento da reprodução capitalista. O caráter inicial dos protestos de *Wall Street* é visto como um gesto que abriria espaço para um conteúdo novo.

João Alexandre Peschanski, no seu artigo intitulado *Os ‘ocupas’ e a desigualdade econômica* dá ênfase para a principal bandeira do movimento global dos “ocupas”: a desigualdade econômica. De acordo com o autor, a desigualdade econômica mina o funcionamento da democracia e os “ocupas” discutem alternativas aos regimes econômicos desiguais, assim como a experimentação de um igualitarismo democrático radical.

No texto *Ocupar Wall Street... e depois?*, Giovanni Alves faz uma reflexão sobre três movimentos, quais sejam: o M12M ou Geração à Rasca, de 12 de março de 2011, em Portugal; o Movimentos

dos Indignados ou M15M, de 15 de março de 2011, na Espanha; e o *Occupy Wall Street*, nos Estados Unidos. O autor sublinha seis características comuns aos movimentos: (1) compõem uma densa e complexa diversidade social; (2) são movimentos sociais pacíficos; (3) utilizam-se das redes sociais; (4) possuem inovação e criatividade na disseminação dos seus propósitos sociais; (5) evocam uma luta social anticapitalista; e (6) propõem uma desmistificação da democracia ocidental e democratização radical. Alves assinala ainda quatro circunstâncias críticas que propiciam questionamentos: (1) terão capacidade de elaborar uma plataforma política mínima?; (2) possibilitarão condições efetivas para o surgimento de novas organizações?; (3) terão a densidade histórica necessária para questionar o *status quo*?; e (4) qual a sua efetividade para criar uma perspectiva além do capitalismo?

Na tradução do texto de Mike Davis, *Chega de Chiclete (No more Bubble Gum)*, o professor da Universidade da Califórnia faz alusão à frase célebre proferida por “agressores imprudentes” num filme de John Carpenter de 1988: “Vim aqui para mascar chiclete e quebrar tudo...e meus chicletes acabaram” para ilustrar o caráter imprudente do movimento *Occupy Wall Street* na tentativa de arruinar as pessoas comuns e o “sonho americano”. O autor inicia seu artigo fazendo uma comparação com o movimento de ocupação de *Wall Street* em 1965 e destaca a imprevisibilidade do movimento iniciado em 2011. Propõe uma cartilha de tendência anarquista de quatro passos a serem empreendidos pelo movimento de protesto de 2011: (1) criar uma espécie de tribunal nacional sobre o genocídio econômico; (2) continuar a democratização e a ocupação produtiva do espaço público; (3) estar atentos para a grande questão que é a democracia econômica; e (4) “o movimento deve sobreviver ao inverno para combater o poder na próxima primavera” (p. 43).

O professor do departamento de filosofia da USP, Vladimir Safatle, em *Amar uma ideia* discute cinco pontos centrais: (1) “o espaço do universal”; (2) “democracia por vir”; (3) “pensar é a melhor maneira de agir”; (4) “o desencanto como afeto central do político”; e (5) “a geração que quebrou o mundo”.

Safatle traz contribuições acerca das origens, das demandas e dos atores dos movimentos, exaltando o momento em que uma ideia encontra o seu próprio tempo, o esgotamento em relação aos partidos políticos, a ilusão das possibilidades infinitas gerada pelo capitalismo, o desencanto e o mal-estar da sociedade atual e a caracterização dessa geração. No final do seu texto, o autor evoca um elemento central para a sobrevivência desses movimentos que é a afirmação de que a força de pressão somente existe quando se permanece de fora do jogo partidário.

Ao tratar do *Partido de Wall Street*, David Harvey, professor da Universidade da Cidade de Nova York (Cuny), enumera as suas características em relação aos rebeldes na rua. Para o autor, o partido de *Wall Street* domina grande parte do aparato estatal sendo expert na prática da tolerância repressiva, perpetuando a ilusão da liberdade de expressão. Além disso, é bárbaro, antiético e está à beira da falência. De acordo com Harvey, a luta global dos 99%<sup>2</sup> contra o partido é crucial para a sobrevivência coletiva.

Em *O espírito da época* de Tariq Ali, historiador, jornalista, escritor, cineasta e ativista político, o foco é no ressurgimento do espírito socialista do século XIX entre a juventude envolvida nos protestos contra o capitalismo global que domina o mundo desde o colapso da União Soviética. Para o autor, a bolha imobiliária foi deliberadamente programada por *Wall Street*. É o denominado “socialismo dos ricos”, ou seja, quando o sistema entra em declínio e se recorre ao Estado para salvar os bancos do colapso total. Segundo Ali, que é bastante enfático nesse ponto, é necessário o abandono do sistema de *Wall Street*.

Immanuel Wallerstein, pesquisador-sênior pela Universidade de Yale e uma das principais referências dos movimentos antiglobalização, reflete sobre *A Esquerda Mundial após 2011*,

---

**2** Vários dos autores abordam a questão dos 99%. Isto é, a ideia embrionária desses movimentos está em assegurar melhores condições de vida para uma grande maioria da população marginalizada pelo sistema. Nas palavras de Carneiro (p. 11), “[a] identificação da desigualdade social, da riqueza e do poder de 1% da população mundial contra os 99%”.

considerando a fase boa para a esquerda principalmente pela condição econômica negativa presente em quase todo o globo. Para Wallerstein, a esquerda mundial enfrenta vários desafios diante desses manifestos, dentre eles estão: como avançar e converter o sucesso do discurso inicial em transformação política; e como resolver a dicotomia desenvolvimentismo *versus* “prioridade na mudança da civilização”. O autor enfatiza o cenário marcado pelo desemprego alto, as grandes dívidas e as receitas reduzidas que acarretaram um processo de polarização da riqueza agravado pelos governos corruptos e a natureza antidemocrática desses governos concomitantemente com o surgimento dos protestos.

O doutor em filosofia política pela USP, Edson Teles, aborda a *Democracia, segurança pública e coragem para agir na política* pela ótica do Estado brasileiro em relação à especulação imobiliária para restabelecer a ordem e a legalidade em áreas como a denominada Cracolândia no centro da cidade de São Paulo e o Bairro de Pinheirinho em São José dos Campos-SP. Teles (p. 78) evoca a máxima de Hannah Arendt (“não ter direito a direitos”) para ilustrar a situação dos moradores destas regiões diante do projeto higienista. O autor faz referência ao processo do poder público aliado ao interesse privado da especulação imobiliária com um discurso mascarado pela segurança pública. Isto é, a ideia da expansão imobiliária como sinal de desenvolvimento. O autor reforça a necessidade de se repensar a democracia sob a qual o Estado de direito está sendo construído.

Emir Sader no texto intitulado *Crise capitalista e novo cenário no Oriente Médio* enfatiza a capacidade da Primavera Árabe de trazer à tona a participação popular que permanecia congelada. O ano de 2011, de acordo com ele, impõe que os períodos de turbulência e instabilidade gerados pela crise do neoliberalismo e do imperialismo estão apenas se iniciando e se estenderão até que uma tentativa de superação possa se impor, assim como a disputa econômica tende a se prolongar. Sader ressalta que a América Latina e a China, até o presente momento, têm mostrado a sua capacidade de resistência nesse cenário diante da recessão mundial.

É bastante revigorante, prazeroso e revelador ler essas contribuições após as manifestações ocorridas em junho de 2013 no Brasil. O olhar se abre para vários fenômenos incompreendidos na atualidade, ao mesmo tempo em que há o comprometimento das dinâmicas instaladas com o futuro e a constante necessidade das ciências sociais de renovação teórica e metodológica perante a mutação do seu objeto de estudo. Esta é uma obra que possui um caráter conciso, permitindo que nós nos esforcemos para gerar novas ferramentas frente ao esgotamento de análise de algumas das nossas que explicam muito pouco da peculiaridade dos levantes populares atuais. É também imprescindível para aqueles que se dedicam ao pensamento crítico contemporâneo por trazer “novas” questões em relação às “velhas” desigualdades sociais. O apanhado de artigos é de leitura agradável e provoca uma inquietude latente que se assevera com as fotos e ilustrações impactantes dos movimentos ocorridos.